

## **A aventura do estranhamento**

### **Tarsilla Couto de Brito - Especial para O POPULAR**

07 de novembro de 2014 (sexta-feira)

Um Pônei Chamado Cavalo apareceu no POPULAR no dia 20 de janeiro de 2013. Vinha trazendo a história de um filho que, como tantos filhos desse mundo em que vivemos, tem o mesmo nome do pai, se parece com o pai, mas mora com a mãe e apenas visita o pai.

Nada mais comum esse modelo de família. O problema – na verdade, a grandeza – desse pequeno conto surge do modo como essa relação familiar é narrada e descrita.

Os personagens centrais, Fulano Pai e Fulano Filho, seguem os moldes daqueles presentes nos tradicionais contos de fadas cujos personagens ganham nomes genéricos, João, Maria, Príncipe, etc., com a finalidade de permitir a identificação pela generalização. E isso acontece.

Mas a generalização das personagens ganha, pouco a pouco, uma especificidade e uma densidade que transformam o familiar em estranho. A linguagem utilizada pelo narrador, descritiva e objetiva, não trata as coisas que conhecemos tais quais as conhecemos.

O narrador adota o ponto de vista de quem está vivendo a experiência de testemunhar o processo de aquisição de linguagem e de vínculo afetivo com o mundo pela primeira vez – como imaginamos que deve ter vivido o primeiro homem diante do primeiro raio a cair sobre a terra.

Assim é que embarcamos na aventura do estranhamento. Uma coisa é reconhecer que o filho se parece muito com o pai. Outra é dizer: “Para complicar mais ainda, eles eram muito parecidos: cara de um, focinho do outro, como se diz. Andavam e dormiam do mesmo modo, faziam as mesmas caretas. Até TV eles viam do mesmo jeito. Eita!”

A estratégia de tornar estranho o familiar não depende exatamente de uma linguagem difícil, como podemos verificar. A linguagem do conto é informal, mas torna o leitor afeito ao olhar espantado diante das coisas. “Eita!” Nossa percepção está frequentemente tão automatizada que não damos atenção aos pequenos encantamentos da vida: uma criança nasce sem cara e, com o tempo, e apenas por um determinado tempo, seja por convivência, seja por genética, numa espécie de mimese ontológica, passa a se transformar naquele que o gerou.

Ou será que essa metamorfose está apenas nos olhos do narrador apaixonado pela matéria narrada? Não importa. Importa é que essa paixão resgata o ato de contar histórias, tão remoto quanto a própria humanidade, e lhe permite reencontrar sua justificativa: fazer recuperar a lógica perdida da vida esquemática em que nos afundamos todos os dias.

O encantamento da vida renasce com o gesto adâmico de Fulano Filho que, ao nomear a almofada, está não apenas fundando seu próprio reino de fantasia, como inscrevendo o círculo mágico que irá proteger e fortalecer a relação frágil (dadas as condições de filho de casal separado) com o pai.

Podemos ainda arriscar que esse gesto de nomeação reproduz o processo de aprendizado por meio do qual a criança aprende a distinguir o mundo que a cerca, bem como a distinguir-se dele, num processo dialético de construção da própria identidade e de reconhecimento da alteridade, dois conceitos tão importantes para nossa vida em sociedade.

O conto Um Pônei Chamado Cavalo merece a mais ampla difusão em um mundo que demonstra sérias dificuldades em lidar com tudo que fuja aos padrões consagrados pela hipocrisia e pelo falso moralismo.

Seu narrador – anonimamente deslumbrado com as metamorfoses alegóricas do travesseiro em pônei, do pônei em cavalo e do cavalo em ser humano – demonstra a impossibilidade do isolamento pelo qual pagaremos o alto preço da insensibilidade ao outro e à vida.

Consequentemente, demonstra também a necessidade de transmitir os pequenos encantos que a vida, transformada em linguagem literária, pode oferecer.

Tarsilla Couto de Brito, doutora em Literatura pela Unicamp, é professora do curso de Letras da UFG.